

**A EFICIÊNCIA DO VÍDEO COMO MEDIADOR DE APRENDIZAGEM NA
FORMAÇÃO PROFISSIONAL RURAL**

***THE EFFICIENCY OF THE VIDEO AS A LEARNING MEDIATOR IN RURAL
PROFESSIONAL TRAINING***

Prof. Me. Rodrigo de Castro Diniz
Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro
r6diniz@gmail.com

Prof. Dr. Joaquim José Jacinto Escola
Universidade do Porto
Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro
jescola@utad.pt

Prof. Dr. Armando Paulo Ferreira Loureiro
Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro
aloureiro@utad.pt

Resumo: A utilização do vídeo como recurso instrucional não é novidade na formação profissional e na divulgação de informações na extensão rural e seu grande potencial como instrumento didático contribuiu de maneira substancial para a capacitação dos trabalhadores e a melhoria dos processos produtivos no setor agrário. A pesquisa tem por objetivo analisar a eficiência do vídeo como mediador da aprendizagem na formação profissional de agricultores, avaliando como expressam o conteúdo aprendido por meio da verbalização do conhecimento ou demonstração das habilidades adquiridas.

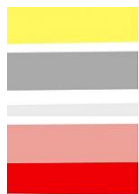
Palavras chaves: Vídeo, recurso pedagógico, extensão rural, formação rural.

Abstract: *The use of video as an instructional resource is not new in vocational training and in the dissemination of information in rural extension and its great potential as a didactic instrument has contributed substantially to the training of workers and the improvement of productive processes in the agrarian sector. The research aims to analyze the efficiency of video as a mediator of learning in the professional training of farmers, evaluating how they express the content learned through the verbalization of knowledge or demonstration of acquired skills.*

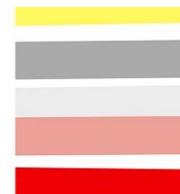
Keywords: *Video, pedagogical resource, rural extension, rural formation.*

Introdução

O presente artigo é uma das etapas da pesquisa de doutoramento em Ciências da Educação desenvolvida na Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD sob as orientações do Prof. Dr. Joaquim José Jacinto Escola, do Prof. Dr. Armando Paulo Ferreira Loureiro e da Prof. Dr^a Marisa Agrello que objetiva analisar a eficiência do vídeo como



AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



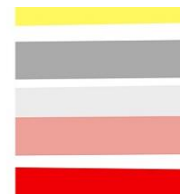
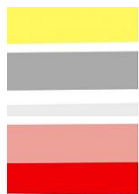
mediador da aprendizagem na formação profissional de agricultores na região sul do estado de Minas Gerais - Brasil.

A história da economia brasileira está fortemente relacionada com a evolução do setor agrícola, mostrada pelo avanço surpreendente de produtividade e o emprego de tecnologia. A utilização de máquinas, defensivos, sementes e novas técnicas foram empregadas de maneira intensa, gerando ganhos financeiros para aqueles produtores que as utilizaram, garantindo assim, a manutenção ou mesmo a expansão de suas terras e capital.

Porém, a tecnologia por si só não é lucrativa. É necessário que o produtor saiba gerenciar sua utilização em sua propriedade, de forma a maximizar a eficiência dos recursos que possui. Neste sentido, a qualificação do trabalhador e/ou produtor rural contribui para o aumento da produtividade, da qualidade de vida e da segurança na execução de suas tarefas. Por outro lado, estudos demonstram que embora a educação formal seja um limitador no emprego e na utilização da tecnologia, essa se torna um motivador para a busca de novas oportunidades nos centros urbanos onde, muitas vezes elas são maiores. Cabe então ao formador, capacitar aqueles que permanecem no campo dispostos a trabalhar e produzir.

Desta forma o grande desafio do formador no papel de educador é a escolha do melhor recurso que possa promover o desenvolvimento cognitivo e o alcance dos objetivos de autoaprendizagem. Esta escolha se torna mais difícil quando se considera um ambiente de aprendizagem, onde o aprendiz deve compreender o conteúdo por conta própria, sem depender que alguém lhe diga como ou qual será sua forma de aprender.

Acreditamos que o trabalho de formação profissional rural deva ser o de capacitar e emancipar o agricultor de forma que ele possa ser agente de mudança da sua vida e da sua comunidade que para Freire (1979) é concebida como uma educação libertadora que se compromete com a mudança das estruturas opressoras da sociedade, possibilitando assim, um processo de transformação social. Nesta abordagem, as novas tecnologias de informação e comunicação contribuem de maneira substancial e significativa, especificamente com a utilização do vídeo como recurso instrucional didático para a capacitação dos trabalhadores e a melhoria dos processos produtivos no setor agrário.



1 Campo de Investigação

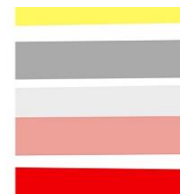
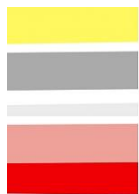
1.1 Extensão Rural

Foi através dos meios de comunicação que os extensionistas que são profissionais de várias áreas, trabalhando de forma integrada em atividades agrícolas e não agrícolas, difundiram tecnologias e ganharam expressão no meio rural, mudando e transformando pensamentos e atitudes. Atualmente, a comunicação como um todo está em plena revolução. Os recursos de comunicação anteriormente usados pelos técnicos, foram integrados aos computadores com finalidade educativa tornando-se extremamente atraente e motivador (RIVERA & QAMAR, 2003).

As peculiaridades do seu trabalho, do local onde vive, da sua forma de comunicar tornam a utilização destes novos processos educativos no meio rural, um imenso desafio. Ao receber as informações, transmitidas por estes novos meios, o público rural manifesta suas particularidades no modo de perceber a realidade que o cerca e que o torna um público distinto.

Destacamos que o trabalho de extensão rural tem uma função educativa, não formal que pode ser atribuída a qualquer instituição que difunde informações conhecimentos, habilidades e atitudes. Ele combina metodologias de ensino, comunicação e técnicas de grupo para promover o desenvolvimento agrícola e rural por meio da transferência e difusão de tecnologia (RIVERA & QAMAR, 2003, p. 7-8).

Oakley e Garforth (1993) definiram a extensão rural como a forma pela qual novos conhecimentos são introduzidos no meio rural, com o objetivo de gerar melhoria na qualidade de vida dos produtores rurais e de suas famílias. Coutts, Roberts, Frost e Coutts (2005, p. 4) descrevem a extensão rural como um processo cujo resultado é a capacitação de indivíduos e de comunidades, sendo esta capacitação centrada em possibilitar "uma capacidade de agir". A extensão é vista por eles como uma forma de intervenção destinada a melhorar a capacidade do indivíduo ou de uma comunidade de tomar atitudes em relação às suas vidas. A palavra capacidade descreve então, as habilidades e os conhecimentos dos indivíduos, suas percepções e valores, suas redes de relações sociais, seus sentimentos de confiança e reciprocidade, além de sua capacidade de apoiar e cooperar com instituições e indivíduos. Os autores resumem o trabalho de extensão rural como o processo de envolvimento com indivíduos, grupos e



comunidades, tornando-as mais capazes de lidar com suas questões e abrindo-lhes novas oportunidades.

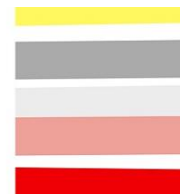
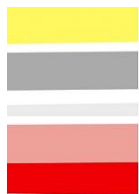
Analisando a eficácia de programas de segurança alimentar em cooperativas de extensão nos Estados Unidos, Koundinya e Martin (2011, p. 158) relatam que o sucesso dos programas estudados foi devido a uma forte interação entre o conteúdo desenvolvido e a metodologia adotada. Assim, atender apenas às necessidades de conteúdo do público-alvo não é suficiente e pode acarretar interpretações equivocadas. Métodos de ensino e ferramentas educacionais empregados corretamente e de formas seletivas são fundamentais para garantir os resultados desejados. Freire (1983, p. 32) enfatiza que a eficiência da comunicação só existe quando, a distância entre o que o técnico relata e a percepção do conteúdo pelo produtor ou trabalhador é reduzida, deixando o conteúdo com a mesmo significado para ambos.

1.2 Lócus e Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa está sendo realizada na região sul do estado de Minas Gerais, que é a maior produtora de café do país. Esta região possui 37.000 propriedades produtoras de café, abrangendo uma área de 516 mil hectares cultivados, sendo 80% delas com menos de 50 ha. Ela produz 56% da produção de café do estado e 29% de todo o café produzido no Brasil. No aspecto social, a cafeicultura desta região gera 672 mil empregos diretos e indiretos. O valor da produção de café – cerca de 500 milhões de dólares – circula em todos os municípios sul mineiros (ABRAHÃO, 2001, p. 2589).

Nesta região, o SENAR (Serviço Nacional de Aprendizagem Rural) realiza cursos de formação profissional rural, capacitando aplicadores de defensivos agrícolas a executarem seu trabalho com eficiência e segurança. Os cursos possuem duração de 24 horas e são realizados no próprio local de trabalho. Entre 2012 e 2013 foram realizados em média, pela empresa, 130 cursos por ano e capacitados em torno de 1.400 agricultores.

Os sujeitos da pesquisa, são os agricultores inscritos em eventos de formação de aplicadores do SENAR, mas que ainda não foram capacitados. Esta escolha visa fornecer uma estratégia de seleção e captação de pessoas interessadas em se formar, além de facilitar a coleta de dados. Pretende-se inquirir 1.000 agricultores para obtenção dos dados de caracterização do público destes eventos. A avaliação da eficiência do vídeo será realizada pela avaliação da compreensão do conteúdo – análise qualitativa – será realizada em 1.000 agricultores.



Como recurso instrucional avaliado, será utilizado um vídeo com o conteúdo pertinente a este curso. Este vídeo é exibido atualmente nos cursos de capacitação de aplicadores de defensivos, e seu conteúdo abrange os três domínios de aprendizagem: cognitivo, afetivo e psicomotor.

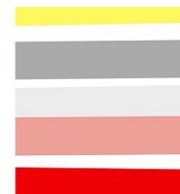
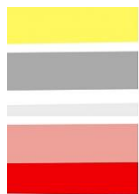
2 Objeto de Estudo: O Vídeo Instrucional

A utilização do vídeo como recurso instrucional não é novidade na formação profissional rural. Por outro lado, os avanços tecnológicos têm tornado este recurso cada vez mais acessível aos profissionais de formação. Pode-se dizer também que ainda existe um grande potencial para a utilização do vídeo como recurso didático, que deve contribuir de maneira substancial para a capacitação dos trabalhadores e a melhoria dos processos produtivos no meio rural.

São várias as experiências da utilização do vídeo como meio de divulgação de informações na extensão rural, mas, em se tratando de formação profissional rural não existem muitos trabalhos relatados na literatura. Muitos programas de formação ainda não utilizam vídeos em suas ações, e outros ao o utilizarem, não sabem exatamente quais as limitações deste recurso para o público rural. Um conhecimento da eficiência deste recurso para a aquisição de habilidades e o entendimento do conteúdo veiculado por este meio de comunicação, poderá auxiliar as ações de formação profissional rural a obterem mais resultado em seu trabalho.

Temos como hipótese geral em nosso estudo que a utilização do vídeo, em autoaprendizagem, permite a compreensão do seu conteúdo por parte do agricultor que o assiste. A fala, o gestual e a escrita, tanto do instrutor quanto dos agricultores são instrumentos capazes de construir conceitos e entendimentos durante as ações de formação.

Com a utilização do vídeo, sem a presença do instrutor, estes instrumentos deixam de existir de forma real e a mediação passa a acontecer por um meio diferente. Esta é uma situação nova, em que o vídeo é utilizado como recurso instrucional para uma população com uma cultura própria e com um entendimento e interpretação peculiar do ambiente que a rodeia, que é o meio rural.

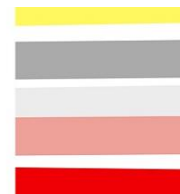
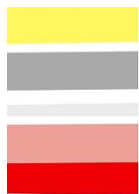


2.1 O Vídeo como Meio de Comunicação e Mediador da Aprendizagem

A comunicação em educação define meio ou canal como sendo a forma pela qual a informação chega até os aprendizes. Basicamente, existem três tipos de canais: o visual, utilizando imagens (desenhos, fotos, jornais, websites, quadro negro e outros materiais impressos), o auditivo, utilizando sons (voz, rádio, podcast e outros tipos de sons) e o audiovisual, como sendo tudo que pode ser visto e ouvido ao mesmo tempo (televisão, vídeo, cinema, etc.). Um meio didático é qualquer recurso utilizado para facilitar a comunicação e a organização didática das informações que se deseja repassar. Uma das características mais importantes que um meio didático deve possuir é a capacidade de estimular os sentidos, pois quanto mais estímulo sensorial o meio proporcionar, mais eficiente ele será (REGALADO, 2006, p. 11-12).

No meio rural a comunicação de novas técnicas de produção, que antes ocorriam unicamente através das ações de extensão rural, passam a ocorrer também pelas novas tecnologias de informação e comunicação, possibilitando a redução das distâncias e, ao mesmo tempo, o risco do aparecimento de uma nova forma de exclusão, a digital. O surgimento das tecnologias de informação e comunicação representa a abertura de um canal privilegiado para a equalização de oportunidades para todos os segmentos da sociedade, seja ela urbana ou rural, deixando as pessoas cada vez mais próximas da cidadania e da inclusão social (VIERO & SILVEIRA, 2011, p. 258). Por outro lado, disseminar informações, tecnologias e conhecimentos, utilizando novos meios de comunicação, requer o emprego de linguagens e narrativas audiovisuais específicas. Este tipo de linguagem deve favorecer a interdisciplinaridade e a complementaridade entre os conteúdos, permitindo o estabelecimento de uma comunicação horizontal, dinâmica, participativa e interativa com o homem do campo (TORRES, CRISTINA, GAROFOLO, IZABEL & SOUZA, 2013, p. 1227).

O vídeo, como recurso instrucional intermedia a aprendizagem, que em um processo educativo que antes era realizado por uma relação direta entre aprendiz e o objeto a ser conhecido, passa a ser intermediado por um novo recurso. A interação direta entre o aprendiz e o objeto de aprendizagem é chamada de Processo Elementar e a utilização do novo recurso entre o aprendiz e o objeto, torna esta interação um Processo Mediado. Esta inclusão de um novo recurso no processo, intermediando a aprendizagem, foi descrita por Vigotsky e relatada por Oliveira (1997, p. 26-27), para o pesquisador russo a relação do homem com o mundo não

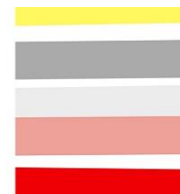
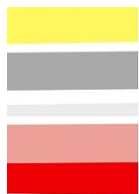


é uma relação direta, pois suas características psicológicas permitem que ele utilize instrumentos para interagir com o mundo e facilitar seu trabalho.

2.2 O Vídeo como Recurso Instrucional no Meio Rural

O vídeo, apesar de não ser um recurso recente, ainda enfrenta barreiras para ser inserido no processo de formação. Uma delas é a pouca preparação dos formadores para utilizá-lo corretamente. A outra barreira é o pouco domínio dos processos técnicos relacionados a sua utilização. Descrevendo as principais causas da pouca utilização do vídeo por educadores, Bartolomé (2009, p. 19) relata que a principal é o fato do educador pensar na aula como um processo “magistral” e, em consequência, escolher recursos parecidos com a aula que ministra. Segundo o autor, como os resultados de utilização de vídeos com estas características não são os melhores, este recurso é pouco utilizado. Por último, o autor cita também o fato de que, alguns formadores não utilizam vídeos, por medo de perder o controle da classe. Moran (2005, p. 29) relata que, devido as dificuldades de sua utilização, os vídeos muitas vezes são utilizados de forma improvisada, para passar o tempo na ausência do educador, sem muita ligação com o conteúdo estudado, por simples empolgação ou como único recurso, sem qualquer mediação.

Fraser (1987) buscando soluções para os problemas de informação e formação de agricultores no Peru, já na década de 1970, descreve uma experiência de utilização de vídeo em programas de desenvolvimento rural com mais de 1.000 programas educativos, abrangendo 150.000 agricultores. Lie e Mandle (2009, p. 39) relatam a utilização de vídeos para difundir técnicas de gestão dos recursos naturais, agricultura sustentável, reciclagem de lixo, adubo orgânico e construção de latrinas, em 11 municípios da Bolívia. Sarker Chowdhury, Miah, Aurangozeb e Peloschek (2011, p. 30) relatam a utilização de vídeos na valorização e emancipação feminina por meio de incentivos à produção de sementes de arroz em Bangladesh. Utilizando vídeo em um trabalho participativo foi ensinado a produção de composto orgânico, o processamento de sementes de arroz e sua pós-colheita, além da utilização de ervas medicinais. Ao conseguir realizar uma agricultura economicamente viável por meio da informação, reduziu-se a pobreza e a vulnerabilidade social das famílias rurais.



2.3 O Vídeo na Formação Profissional Rural

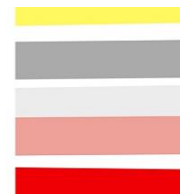
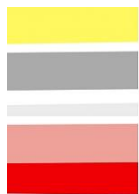
A população do meio rural, embora participe do processo de comunicação, que é universal, possui uma experiência de vida que lhe imprime características próprias em sua forma de comunicação. Bordenave (1985, p.11-12) chamou esta maneira de comunicar de “in-comunicação” que é resultante de duas características peculiares da vida do homem do campo: o primeiro deles é geográfico, causado pelo isolamento decorrente das dificuldades de locomoção e da baixa densidade demográfica, dificultando as atividades sociais e de comunicação. O segundo e mais importante de acordo com o autor, é uma questão social determinada por: baixo nível de instrução; dificuldade de interação social, causado pelas características do trabalho nesta atividade, que é árduo e inicia geralmente muito cedo; diferença acentuada de status entre patrões e empregados e questões tradicionalistas, familiares e políticas.

Preocupados com a baixa escolaridade do produtor rural, as empresas fabricantes de defensivos agrícolas, ilustram as bulas dos produtos com desenhos. Peres e Rozemberg, (2003, p. 329) avaliaram as interpretações destas imagens por aplicadores de agrotóxicos e os autores perceberam claramente a ineficácia dos desenhos lá presentes na transmissão de informações.

Assim, percebemos que a combinação de imagens e sons é indicada para a população rural pois a cultura da comunicação oral é particularmente forte no campo e as imagens atraem e mantêm a atenção do agricultor de maneira poderosa (BORDENAVE, 1985). Kim et al. (2007, p.267) compararam a utilização de gráficos animados ou estáticos com o objetivo de explicar o funcionamento de uma bomba de encher o pneu de uma bicicleta para jovens de diferentes escolaridades. Eles observaram que, aprendizes com mais baixa necessidade cognitiva, preferiram as animações. Ao mesmo tempo, pessoas com necessidades cognitivas mais elevadas, não mostraram preferência pela a imagem estática ou pela imagem em movimento.

3 A Taxonomia de Bloom

Nossos objetivos da pesquisa se propõem a descrever o que se espera dos sujeitos em termos de conhecimentos, habilidades e atitudes, após completarem a ação ou atividade.



Anderson (2002, p. 37) descreve que existe uma estreita relação entre os objetivos instrucionais, os recursos utilizados e os processos de avaliação durante os processos educativos. Quanto melhor a inter-relação entre eles, mais condição existe para que ocorra aprendizagem.

Desta forma o emprego da Taxionomia de Bloom nos procedimentos de avaliação do vídeo nos norteará a distribuir cada objetivo em uma sequência adequada, identificando as condições necessárias para que cada objetivo definido no projeto seja atingido e assim estabelecendo inter-relações entre eles.

A organização e estruturação dos processos de investigação alicerçado pela taxonomia possibilitará a definição clara de objetivos, onde esperamos desenvolver os três domínios de aprendizagem:

- a) cognitivo: capacidade intelectual, isto é, o conhecimento;
- b) afetivo: sentimentos, emoções e comportamento, ou seja, a atitude; e
- c) psicomotor: destrezas manuais e físicas, isto é, a habilidade.

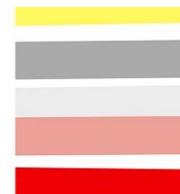
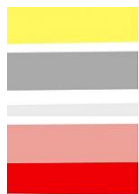
A apropriação da Taxonomia de Bloom como ferramenta e recurso de pesquisa foi elencada porque possibilita padronizar a linguagem sobre os objetivos de aprendizagem facilitando a comunicação entre educadores, fornecendo uma base para a definição clara dos procesos e procedimentos educacionais determinando a congruência dos objetivos, atividade e avaliação do vídeo ministrado para os profissionais do meio rural (Krathwohl, 2002).

4 Metodologia

A coleta dos dados quantitativos será realizada por meio da aplicação de um questionário com o objetivo de caracterizar os agricultores participantes de eventos de formação profissional rural e identificar sua relação com os recursos audiovisuais, levantando quais os pontos positivos e negativos do recurso sob a perspectiva do sujeito da pesquisa. Borges e Pinheiro (2002, p. 62) revisando estratégias de coleta de dados de trabalhadores de baixa renda, recomendam dentre várias outras sugestões: a) Sempre que houver necessidade, dar preferência a utilização de Escala de Likert, substituindo números por recursos não verbais, como figuras, por exemplo; b) Utilizar desenhos em substituição a respostas nominais, sempre que possível.

Pretende-se utilizar um questionário com características tais que facilite seu preenchimento, tendo em vista as peculiaridades deste público.

O método usado na análise das informações assentará numa estatística de dados e na análise de conteúdo. Para o tratamento dos dados procederemos à análise de frequências e a



análises estatísticas utilizando os softwares SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), especificamente SPSS 22.0, Minitab 16 e Excel Office 2010. A análise incluiu o uso de estatísticas descritivas (frequências relativas e absolutas, modas, médias e respectivos desvios padrão) e estatística inferencial. Para testar as hipóteses usou-se como referência um nível de significância = 0,05.

Na etapa em que a investigação é de tipo qualitativo, na análise do material privilegiou-se a técnica de análise de conteúdo que consiste em: “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos extremamente diversificados” (BARDIN, 2009, p. 9). Ela foi utilizada para identificar a atitude dos três instrutores dos cursos de Aplicação de Agrotóxicos que participaram do experimento em relação ao recurso vídeo.

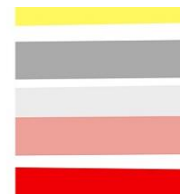
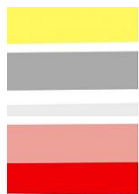
5 Resultado e Discussão Preliminares

Verificamos que o vídeo como recurso didático ou instrucional tem como função estimular os órgãos dos sentidos, facilitando a aprendizagem. Percebemos que ao utilizar vídeos como recurso instrucional na formação profissional rural, é importante ter uma atenção especial com o objetivo que se quer atingir, tendo em vista as peculiaridades deste público. Destacamos que o entendimento de suas limitações, assim como as formas de interagir com este meio devem ser considerados com cuidado. A adequação do recurso instrucional ao objetivo da ação educativa e, conseqüentemente, ao tipo de conteúdo a ser trabalhado, é fundamental para que o participante assimile e retenha a informação para a geração e conhecimento significativo.

Considerando a importância e a popularidade que o vídeo vem adquirindo e sua relevância como recurso instrucional para se trabalhar os domínios de aprendizagem, torna-se necessário estudos com foco na avaliação das formas como ele é percebido e como seu conteúdo é interpretado e assimilado por trabalhadores e produtores rurais em ações de formação profissional.

Salientamos que a inclusão de uma nova tecnologia ao ambiente rural pode trazer novas oportunidades de ensino e aprendizagem e produzir uma sensação de encantamento por parte dos agentes envolvidos. Mas é necessário ter consciência de que, agregada a estas novas possibilidades, também podem surgir obstáculos culturais e sociais.

O trabalho de formação profissional deve ser estruturado com base em uma variedade de recursos a serem utilizados num determinado contexto pedagógico. Eles são denominados



recursos instrucionais, pois têm como objetivo auxiliar o processo educativo estimulando e promovendo o aprendizado.

O grande desafio que a pesquisa está proporcionando é a escolha da melhor tecnologia e sua produção que possa promover o desenvolvimento cognitivo e o alcance dos objetivos de autoaprendizagem. Esta escolha se torna mais difícil quando se considera um ambiente de aprendizagem, onde o aprendiz deve compreender o conteúdo por conta própria, sem depender que alguém lhe diga como ou qual será sua forma de aprender.

Assim, considerando a importância e as potencialidades que estão sendo observado do recurso instrucional nos processos educativos, este trabalho terá grandes possibilidades de responder a questão de que o uso do vídeo recurso didático na formação profissional rural, é realmente eficiente para repassar conhecimentos, habilidades e atitudes aos agricultores.

Considerações finais

A utilização de recursos didáticos para disseminação de informações aos agricultores possui uma longa história em nossa sociedade.

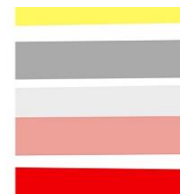
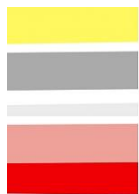
Apesar do vídeo não ser um recurso tão recente é cada vez mais popular, seja pela sua facilidade de produção, de obtenção ou de exibição. Estas facilidades, se por um lado são benéficas, por outro devem ser utilizadas conhecendo suas possibilidades e limitações.

Percebemos no trajeto da pesquisa avaliando que a utilização de recursos audiovisuais é extremamente útil nos processos educativos não formais, porém eles só cumprem esta função se são utilizados corretamente.

Destacamos que os meios audiovisuais possuem a função de estimular os sentidos mais importantes, como a visão e a audição e quanto mais se estimula estes sentidos, mais resultado se obtém. Atualmente a evolução da tecnologia tem tornado acessível a utilização de recursos instrucionais sofisticados e muitas vezes interativos.

No meio rural os trabalhos com vídeos em educação não fogem a esta realidade e, dentro deles, a formação profissional rural tem um interesse particular na sua utilização de forma eficiente devido a atratividade que este meio possui sobre seu público.

Uma boa comunicação com o público rural é realmente um fator importante a ser considerado porque o meio rural possui características próprias de comunicação, não somente pelo seu isolamento, mas também pelas distâncias normalmente existentes entre os sítios,



vilarejos e/ou comunidades, agravado pela dificuldade e/ou precariedade dos meios de transporte disponíveis.

As características do processo de produção rural, como a jornada exaustiva e o trabalho que demanda esforços físicos constantes, restringem o tempo livre disponível para as atividades de interação social. Finalmente, a baixa escolaridade e o precário acesso às informações, também contribuem para uma diferenciação dos padrões de comunicação do homem do campo.

Assim, enquanto as pessoas em todos os níveis de alfabetização têm problemas na compreensão e uso de informações, as pessoas com limitada habilidade de entendimento necessitam de especial atenção. Eles necessitam de mais explicações verbais para entenderem textos escritos e se lembrarem do que ouvem. As imagens em movimento, as cores, músicas e outros sons proporcionados pelo vídeo, podem ser um recurso valioso na comunicação com este público, se utilizados de forma adequada.

Referências

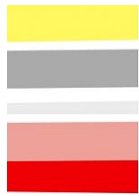
- ABRAHÃO, E. J. (2001). *Circuito Sul Mineiro de Cafeicultura: Modelo Inovador de Transferência de Tecnologia*. In II Simpósio de Pesquisa dos Cafés do Brasil (pp. 2588–2592).
- ANDERSON, L. W. (2002). *Curricular Alignment: A Re-examination. Theory Into Practice*, 41(4), 37–41.
- BARDIN, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições70.
- BARTOLOMÉ, A. R. (2009). *Nuevas Tecnologias en el Aula: Guia de Supervivencia* (2nd ed.). Barcelona: Graó.
- BORDENAVE, J. E. D. (1985). *O que é Comunicação Rural*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense
- BORGES, L. D. O. & PINHEIRO, J. Q. (2002). Estratégias de Coleta de Dados com Trabalhadores de Baixa Escolaridade. *Estudos de Psicologia*, 7, 53–63.
- COUTTS, J., ROBERTS, K., FROST, F., & COUTTS, A. (2005). *The Role of Extension in Building Capacity - What Works, and Why* (p. 8). Toowoomba.
- FRASER, C. (1987). Pioneering a New Approach to Communication in Rural Areas: the Peruvian Experience with Video for Training at Grassroots Level. *FAO*. Consultado em 09 de janeiro de 2016, <<http://www.fao.org/docrep/s3606e/s3606e00.htm>>
- FREIRE, P. (1979). *Educação como prática da liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1983). *Extensão ou Comunicação*. 8º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.



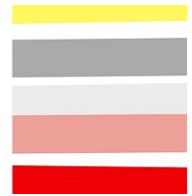
AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



- KIM, S., YOON, M., WHANG, S.-M., TVERSKY, B., & MORRISON, J. B. (2007). The Effect of Animation on Comprehension and Interest. *Journal of Computer Assisted Learning*, 23(3), 260–270.
- KOUNDINYA, V. S. C., & MARTIN, R. A. (2011). Teaching Methods and Tools Used In Food Safety Extension Education Programs in the North Central Region of the United States. *International Journal of Agricultural Management & Development*, 1(3), 157–167.
- KRATHWOHL, D. R. (2002). A Revision of Bloom’s Taxonomy: An Overview. *Theory Into Practice*, 41(4), 212–248.
- LIE, R., & MANDLE, A. (2009). *Video in Development: Filming for Rural Change*. (R. Lie & A. Mandle, Eds.). Rome: CTA and FAO.
- MORAN, J. M. (2005). O vídeo na Sala de Aula. *Comunicação & Educação*, 1(2), 27–35.
- OAKLEY, P., & GARFORTH, C. (1993). *Guide to Extension Training*. Rome, Italy: FAO. Consultado em 2 de agosto de 2016, <http://www.fao.org/docrep/T0060E/T0060E00.htm>.
- OLIVEIRA, M. K. (1997). *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico*. 4ª. ed. São Paulo: Scipione.
- PERES, F., & ROZEMBERG, B. (2003). É VENENO OU É REMÉDIO? Os Desafios da Comunicação Rural Sobre Agrotóxicos. In *É Veneno ou é Remédio? Agrotóxicos, Saúde e Ambiente* (pp. 329–348). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- REGALADO, O. L. (2006). *Medios y Materiales Educativos* (2nd ed., p. 82). Lambayeque: Facultad de Ciencias Historico Sociales y Educacion.
- RIVERA, W. M., & QAMAR, M. K. (2003). *Agricultural Extension, Rural Development and the Food Security Challenge* (p. 95). Rome, Italy: FAO - Economic and Social Development Department.
- SARKER, M., CHOWDHURY, A., MIAH, M., AURANGOZEB, M., & PELOSCHEK, F. (2011). Participatory Rural Video Centrein Fostering Women’s Voices- A Model From Bangladesh. In H. Kruger & D. Mason (Eds.), *Extension Farming Systems Journal* (Vol. 7, pp. 27–32).
- TORRES, T. Z., CRISTINA, A., GAROFOLO, S., IZABEL, M., & SOUZA, F. (2013). *As Tecnologias Digitaisno Fluxo Informacional do Espaço Rural Brasileiro*. In III Congresso Internacional de Cidades Criativas (pp. 1219–1236). Madrid.
- VIERO, V. C., & SILVEIRA, A. C. M. DA. (2011). Apropriação de Tecnologias de Informação e Comunicação no Meio Rural Brasileiro. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, 28(1), 257–277.



**AFLUENTE:
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA**



Recebido em: 15 de fevereiro de 2018.

Aprovado em: 25 de março de 2018.